

USO DE *THUYA OCCIDENTALIS* NA REMISSÃO DA PAPILOMATOSE CANINA

Raiany Borges Duarte¹

Manoel Vitor Marim Machado²

Mayni Flávia de Souza Silva³

Vitor Hugo Freese Alves⁴

Dirceu Guilherme de Souza Ramos⁵

Isis Assis Braga⁶

Resumo: A papilomatose é uma doença infectocontagiosa de caráter tumoral, que acomete várias espécies de animais, inclusive humanos, geralmente benigna e autolimitante. Tem como agente causador os papilomavírus da família *Papillomaviridae*. A forma oral é a mais comum da doença em cães, e tem a aparência de couve-flor, desenvolvendo-se como verrugas. O diagnóstico é baseado em achados clínicos e exames complementares como citologia. A regressão espontânea é observada na maioria dos casos. Em geral o prognóstico é bom. Este trabalho tem como objetivo relatar o sucesso do tratamento de papilomatose canina oral com o uso de *Thuya occidentalis* – CH30 em um período de 30 dias consecutivos.

Palavras-chave: Cão. Homeopatia. Papilomavírus. Tumor benigno.

Introdução

A papilomatose canina é causada pelo vírus da família *Papillomaviridae*, que ocorrem na maioria dos mamíferos e em aves, se dividindo em vários tipos virais, diversos gêneros e espécies. São vírus com DNA de fita dupla, não envelopados, simetria icosaédrica, medindo aproximadamente 55 nm, de característica oncogênica que infecta pele e mucosas de várias espécies animais. Esta propriedade confere a indução de tumores benignos proliferativos que eventualmente se tornam malignos. Está associado em humanos, a tumores de colo uterino, segundo mais comum (MEGID, J. 2016). Por ausência de envelope, tem uma maior resistência ao ambiente, a pH ácido, éter e solventes lipídicos, mantendo-se viável até 63 dias em uma temperatura entre 4-8°C ou por 6 horas em 37°C, porém, pode ser inativado entre 45-

1 Graduanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES – GO. Contato: raianyduarte@hotmail.com

2 Graduando em Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES – GO. Contato: manoel.vt@hotmail.com

3 Graduanda em Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros - UNIFIMES – GO. Contato: mayneflavia@hotmail.com

4 Graduando em Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES – GO. Contato: vitor_freese@hotmail.com

5 Docente do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Goiás – UFG. Doutor. Contato: dgramos_vet@hotmail.com

6 Docente do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES. Doutora. Contato: isis@fimes.edu.br

80°C por 60 minutos (FERNANDES, M. C. et al. 2008).

Não é uma doença sazonal, assim como não apresenta predileção por raça ou sexo. Acomete geralmente cães jovens ou adultos imunossuprimidos (LIRA, R. N. et. al. 2012). A transmissão é por contato direto ou indireto com secreções ou sangue advindo dos papilomas, e se presença de lesões no epitélio oral aumenta as chances de contrair a doença (BAMBO, O. et. al. 2012). Em bovinos já foram relatadas infecções transplacentárias, devido ao aparecimento de papilomas em bezerro de 10 dias de idade (MEGID, J. 2016).

Apesar de a forma mais comum encontrada seja a oral, outras regiões também podem ser afetadas como, região genital, coxins plantares, região ocular e cutânea. Segundo Dias, F. G. G. et. al. (2013), após a penetração do vírus no organismo do animal, ele adentra queratinócitos basais que estão em divisão contínua e inicia o processo de replicação, o que leva ao crescimento excessivo, dando o aspecto de verruga, podendo causar ainda hiperqueratose e acantomatose.

Os sinais clínicos em casos de papilomatose dependem da região afetada, porém podem ser observados disfagia, halitose, obstrução faríngea, ptialismo, hemorragia e infecções bacterianas secundárias acompanhada por secreção mucopurulenta nos papilomas (FERNANDES, M. C. et. al. 2008).

Vieira (2012, p.3) afirma:

Geralmente, a regressão dos papilomas se deve a eventos celulares imunológicos. Nas lesões em processo de regressão são encontrados infiltrados de linfócitos T que variam de acordo com o tipo de papilomavírus. Não se devem considerar somente aspectos imunológicos relacionados ao hospedeiro, mas também aspectos genéticos, nutricionais e as características próprias de cada tipo viral, que podem influenciar na forma da manifestação clínica e na evolução ou não do quadro clínico (VIEIRA, L. C. 2012, p.3).

Ainda segundo o mesmo autor, a regressão dos papilomas pode variar de meses a anos, já na papilomatose cutânea, antes de iniciar a regressão, as lesões permanecem de 6 a 12 semanas, enquanto o período de incubação chega a 30 dias. Eventualmente, a regressão pode ser incompleta e alguns papilomas ainda persistirem, isso pode causar problemas no caso clínico e evoluir posteriormente para maligno. Para prevenção dessa doença, deve-se separar os animais doentes de susceptíveis e em casos de surtos, providenciar vacinas autógenas (VIEIRA, L. C. 2012).

Dias, F. G. G. (2013) afirma que apesar da doença ser autolimitante na maioria dos casos, ela pode se tornar crônica devido a uma má resposta do sistema imune do animal. Nestes casos, indica-se o tratamento, iniciando com a identificação e correção da causa primária de imunossupressão associada à excisão cirúrgica das massas neoplásicas, mas

também se pode utilizar a eletrocirurgia, crioterapia com nitrogênio líquido, auto-hemoterapia, aplicação de vacina autógena, medicamentos imunomoduladores, administração de medicamentos antivirais ou homeopáticos e sessões de quimioterapia.

Relato de caso

Uma cadela sem raça definida, com 1 ano de idade, pesando 20 kg, residente da cidade de Jataí – GO, apresentou nódulos tumorais com aspecto de couve-flor, de tamanhos variados e coloração róseas na mucosa oral. Além do mais, a cadela apresentava secreção purulenta e sanguinolenta pela vulva.

O diagnóstico da papilomatose foi realizado somente através da visualização direta das massas. Os papilomas eram de consistência firme, de tamanhos relativamente pequenos, com coloração rósea claro variando a enegrecida. Foi observado no exame hematológico moderada linfopenia (1.703/ μ l) e afim de identificar as causas das secreções vaginais, foi realizado ultrassom abdominal, o qual notou-se aumento da face interna dos cornos uterinos (cerca de 2,5 cm), além de presença de conteúdo intraluminal hiperecogênico. Todas essas alterações associadas aos sinais clínicos conferem curso da doença, revelando ainda presença de piometra.

Foi instituído tratamento clínico com *Thuya occidentalis* – CH30, para a resolução da papilomatose, administrado 5 gotas por via oral duas vezes ao dia, durante 30 dias. Aos 15 dias após o início do tratamento foi observado involução dos papilomas em algumas regiões da mucosa oral, e aos 30 dias os nódulos regrediram por total, de toda mucosa oral.

Discussão

A papilomatose oral canina ocorre normalmente em cães jovens, cujo sistema imune não está completamente maduro, favorecendo o comportamento oportunista do vírus. A predominância de lesões na cavidade oral está relacionada com a ingestão de alimentos e água contaminada, lambedura em locais contendo partícula viral e pequenos traumatismos na cavidade oral (LIRA, R. N. et. al. 2012). No caso clínico citado neste trabalho, podemos relacionar a ocorrência de papilomatose com a idade da cadela e queda da imunidade pelo episódio de piometra, que segundo Queiroz (2015) embora não tenha predileção por idade, acomete maioritariamente animais jovens.

O extrato da *Thuya occidentalis* além de ser usado no tratamento de papilomatose, também pode ser usado como diurético, estimulante, expectorante, anti-helmíntico, no

tratamento de reumatismo, cistite e prostatite hipertrófica em homens idosos. Sua ação está associada à atividade mitogênica, a presença de um polissacarídeo que atua inibindo antígenos. É considerado um purificador do sangue por estar relacionado ao óleo volátil. Possuem também uma transcriptase reversa que são específicos do HIV-1, além da capacidade de induzir células T e várias citocinas in vitro (LIRA, R. N. et. al. 2012).

Vários nomes são usados para o medicamento homeopático *Thuya occidentalis* segundo Ferreira (2015) como: *Arbor vitae*; *Cedrus lycea*; *Cupressus arbor vitae*; *Thuja*; *Thuya*; *Thuya obtusa* e *Thuya occidentalis*. É conhecido também como árvore da vida ou cedro branco, sendo uma árvore resinosa da família das coníferas, acordando com Ferreira (2015).

No caso clínico em questão, iniciou-se a regressão dos tumores com quinze dias pós-tratamento e regressão total aos trinta dias usando *Thuya occidentalis* - CH30, diferentemente de Queiroz (2015) que obteve resultado sete dias após início do tratamento e regressão total aos quinze dias, utilizando *Thuya occidentalis* – CH12, em três cães da raça Buldog Americano da mesma ninhada, não sendo observada recidiva até quatro meses após o término do tratamento. Da mesma forma, Queiroz (2015) observou regressão total com quinze dias de tratamento em um Yorkshire de doze meses e, em um Maltês de sete meses apresentando papilomas no vestíbulo, lábio e palato, ocorreu regressão total na primeira semana de tratamento.

Vale ressaltar que a diferença entre a *Thuya occidentalis* – CH30 e *Thuya occidentalis* – CH12 é apenas a dinamização do medicamento homeopático, sendo as doses empíricas em todos os trabalhos mencionados, inclusive neste relato.

Monteiro e Coelho (2008) relataram ainda um resultado positivo no tratamento de papilomatose bovina com o uso de *Thuya occidentalis* – CH12 associado ao uso tópico de tintura-mãe por setenta dias. A tintura-mãe segundo Ferreira (2015), é feita a partir da maceração de ramos jovens e frescos com etanol a 65% (v/v).

Monteiro (2007) realizou um experimento com 40 vacas mestiças de holandês criadas semi-intensivamente com papilomas em várias regiões do corpo (abdômen lateral, barbela e focinho) e de diferentes graus (grau leve, moderado e intenso). Foram divididas em quatro grupos distintos, sendo que grupo 1 e 2 receberam solução fisiológica e álcool de cereal respectivamente, e os grupos 3 e 4 receberam *Thuya occidentalis* – tintura-mãe a 30% e *Thuya occidentalis* – tintura-mãe a 30% com própolis respectivamente. Todos os animais receberam 10 ml dos produtos via oral por 63 dias. Porém todos os grupos neste experimento

não apresentaram nenhuma regressão em apresentação clínica e avaliação histopatológica dos papilomas nos bovinos leiteiros.

Em um terceiro experimento, Monteiro (2007) dividiu os animais em 3 grupos e realizou o mesmo procedimento para os grupos 1 e 2, solução fisiológica e álcool de cereal respectivamente, e o grupo 3 recebeu *Thuya occidentalis* – CH6 na mesma dosagem, mesma via e mesma quantidade de dias. As avaliações histopatológicas por meio de biópsia dos papilomas e alterações macroscópicas, revelaram regressão parcial e total somente para o grupo 3, cerca de 80% na regressão parcial, confirmadas pelo histopatológico.

Considerações finais

A utilização da *Thuya occidentalis* mostrou-se muito eficiente, rápida e com valor econômico acessível para o tratamento de papilomatose, apesar de que pouca usada. Estudos mostram sua atividade antiviral, embora se acredite que ela esteja relacionada com a estimulação da resposta imune do animal. Apesar de todo o tratamento indicado para a resolução da papilomatose canina, foi realizado o homeopático com *Thuyia occidentalis* – CH30, o qual resultou em efeito positivo com apenas 30 dias de uso sem sinais de recidiva e nem efeitos indesejáveis.

Referências

BAMBO, O.; CARDOSO, J. M. M.; DIMANDE, A.; SANTOS, I. F. C. **Auto-hemoterapia no tratamento da papilomatose oral canina – Relato de caso.** Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/230603914_Auto-hemoterapia_no_tratamento_da_papilomatose_oral_canina Acesso em: 12 de abril de 2018.

DIAS, F. G. G. et. al. **Papilomatose oral em cães.** Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2013b/CIENCIAS%20AGRARIAS/Papilomatose.pdf> Acesso em: 30 de março de 2018.

FERNANDES, M. C.; RIBEIRO, M. G.; FEDATO, F. P. **Papilomatose oral em cães: revisão da literatura e estudo de doze casos.** Disponível em: <http://www.uel.br/proppg/portal/pages/arquivos/pesquisa/semina/pdf/semina_30_1_19_22.pdf> Acesso em: 30 de março de 2018.

FERREIRA, A. A. M. **Releitura de Matérias Médicas do Curso de Especialização em Homeopatia de Londrina - Polo Fortaleza (CEHL - CE). *Thuya occidentalis*: a árvore da vida.** Disponível em: <<http://www.cehl.com.br/ava-admin/files/Pasta%20de%20Arquivos/Cadernos%20do%20CEHL/Thuja%20occidentalis.pdf>> Acesso em: 30 de março de 2018.

LIRA, R.N. et al. **Uso de *Thuya occidentalis* no tratamento da Papilomatose oral canina.** Disponível em: http://www.pubvet.com.br/uploads/1a0f43bb68a193cdf7_c54cd24c43e0e6.pdf Acesso em: 30 de março de 2018.

MEGID, J. **Doenças infecciosas em animais de produção e de companhia**. 1º edição - Rio de Janeiro, Roca, 2016. pág.754 – 767

MONTEIRO, V. L. C.; COELHO, M. C. O. C. ***Thuya occidentalis* e papilomatose**. Disponível em: <http://www.ihb.org.br/ojs/index.php/artigos/article/viewFile/4/5> Acesso em: 10 de abril de 2018.

MONTEIRO, V. L. C.. **Uso da *Thuya occidentalis* no tratamento da papilomatose bovina: aspectos clínicos, histopatológicos e moleculares**. Disponível em: <http://www.journals.ufrpe.br/index.php/medicinaveterinaria/article/view/729> Acesso em: 10 de abril de 2018.

QUEIROZ, F. F. et al. ***Thuya occidentalis* CH12 como tratamento alternativo da papilomatose canina**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-05722015000600945. Acesso em: 30 de março de 2018.

VIEIRA, L.C. e POGGIANI, S.S.C. **Papilomatose canina**. Disponível em: <http://www.pubvet.com.br/uploads/e1b7514d78ec0e0a8ccab768ac712530.pdf>. Acesso em: 30 de março de 2018.